



## ÉTICA DA LIBERTAÇÃO PARA UMA PEDAGOGIA DECOLONIAL

Erisson Teixeira Emer<sup>1</sup>

**Resumo:** A Ética da Libertação de Enrique Dussel é colocada em movimento com a Pedagogia Decolonial com o objetivo de evidenciar as suas relações. Num primeiro momento do artigo conceitua as concepções de Pedagogia Decolonial em breves notas. No segundo momento, são tratadas as concepções da Ética da Libertação de Dussel com uma finalização que une ambos os temas sob um mesmo eixo, o decolonialismo. Fundamentalmente, o artigo circula entre essas duas concepções para compor um movimento decolonial como é de per si entendido, não apenas um conceito mas um movimento de ações.

**Palavras- Chave:** Decolonialismo; Pedagogia; Política; Ética.

**Resumen:** La Ética de la Liberación de Enrique Dussel se pone en marcha con una Pedagogia Decolonial con el objetivo de resaltar sus relaciones. En primer lugar, el artículo conceptualiza los conceptos de Pedagogia Decolonial en breves notas. En el segundo momento, se abordan las concepciones de Dussel sobre la ética de la liberación con una conclusión que une ambos temas bajo un mismo eje, el decolonialismo. Fundamentalmente, el artículo se mueve entre estas dos concepciones para componer un movimiento decolonial tal como se entiende en sí mismo, no sólo un concepto sino un movimiento de acciones.

**Palabras clave:** Decolonialismo; Pedagogía; Política; Ética.

### INTRODUÇÃO:

O presente artigo versa sobre a teoria da Ética da Libertação alocada na Filosofia da Libertação de Enrique Dussel, Argentino radicado (exilado) no México desde 1975. Contribui de forma expressiva para o segundo eixo deste trabalho, a saber a decolonialidade em uma abordagem pedagógica, lida como Pedagogia Decolonial.

Antes, porém, convém deixar explícito mesmo que de forma breve a

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul, Mestrando em Educação pela Universidade de Caxias do Sul.

# Revista Gepesvida

diferenciação do termo decolonialidade e descolonialidade que em geral, nas traduções brasileiras, são tratados como sinônimos, o que configura em alguma medida, um equívoco conceitual. Tendo em vista, que o termo descolonial está posto em detrimento ao de colonial e o termo decolonial por sua vez, está ao oposto de colonialidade. Mesmo que não seja de puro consenso para tais delimitações assumidas aqui, elas correspondem a uma visão bastante local, latina dos processos coloniais e dos mecanismos de perpetuação, tanto políticos, econômicos quanto os pedagógicos e culturais de tal processo.

Para Quijano (2005) o termo colonial se refere à dominação cultural e sociopolítica executada por, em sua maioria, países europeus nas suas colônias, enquanto o decolonial se refere a permanência e perpetuação da estrutura do poder colonial<sup>2</sup>. Com isso, temos em vista, aqui, o movimento da decolonialidade que se direciona ao combate à perpetuação das estruturas coloniais nos países africanos e Latino-Americanos.

Dados os primeiros esclarecimentos conceituais, seguimos com a definição de decolonialidade para além do conceito estrito, nos direcionamos para as implicações e movimentos que essa ideia estabelece na construção de uma identidade intelectual Latino-Americana.

No Século XXI, acontece um movimento inflexivo importante, capaz de gerar uma virada epistêmica que pode ser emoldurada pela expressão de Mignolo (2005 p. 75) “a Colonialidade é constitutiva da modernidade”. Tal ideia, desvenda a concepção de que os estudos decoloniais se restringem ao pós colonialismo apenas, mas sim, que eles fazem parte do próprio colonialismo. Uma vez que a colonialidade e a modernidade são duas faces da mesma moeda, dado que a Europa pode se constituir enquanto potência, nesse período histórico, por força das extrações tanto de matéria humana quanto natural das suas colônias. O decolonialismo inicia ao mesmo tempo em que os povos colonizados não são completamente passivos a esse movimento.

Obviamente, nas narrativas das colonizações, o espaço das histórias de resistência e lutas, na maioria delas com o custo de muitas vidas e da dignidade de muitos corpos, são completamente ignoradas e não narradas.

A Ética da Libertação, por sua vez, tem por finalidade utópica possível, o

---

<sup>2</sup> A exemplo dessas estruturas podemos destacar, mesmo que a título de informação pela impossibilidade de aprofundamento nestas páginas, o Racismo, a Heteronormatividade e o Machismo Patriarcal.

# Revista Gepesvida

“objetivo de resgatar a vida que é negada às vítimas dos sistemas de opressão e resgatar o seu reconhecimento em condições dignas de paridade” (CASELAS, 2009, p.63). Uma vez que após o colonialismo, as marcas sociais e as mazelas humanas são inegáveis, geradas pela fragmentação cultural e inconsistências político- econômicas.

Fundamentalmente, este artigo tem por objetivo principal articular a dinâmica entre a Ética da Libertação e uma Pedagogia Decolonial com vias de refletir as influências desses elementos e do próprio movimento decolonial para a pedagogia e a educação Latino-Americana. Dar-se-ão dois momentos estruturantes: o primeiro com breves notas sobre a Pedagogia Decolonial; o segundo farei um apanhado geral da Ética da Libertação de Enrique Dussel culminando na correlação de ambos os momentos..

## 1. BREVES NOTAS SOBRE A PEDAGOGIA DECOLONIAL

A ideia de que a modernidade se deu às custas, não apenas de riquezas naturais e humanas, mas também morais e éticas, é fundamental para sustentar o movimento da decolonialidade. No estabelecer-se da modernidade nos países Latino-Americanos e Africanos, o processo colonial se deu em sua grande maioria de forma velada e obscura pela colonialidade (WALSH, et al. 2018). O processo de colonialidade é tratado de forma velada quando se aborda a modernidade e seus avanços. Ora! A escravidão, o roubo, a exploração sem precedentes que financiou e sustentou o projeto de modernidade, maquinado pelos países europeus, os mesmos que se fundamentam eticamente na razão. Não poderiam eles narrar seus feitos irracionais e desumanos.

Nesse processo de silenciamento sob a voz da modernidade, se deu o calar da geopolítica ocidental, uma vez que nada que surgisse de pensamento, de produção de conhecimento da história, pudesse coexistir com a versão do colonizador. Esse abafamento científico do real da geopolítica moderna mina a história universal e a concepção individual de soberania e política dos países colonizados. Esse elemento pode em alguma medida, justificar as constantes tendências ideológicas e pedagógicas de vislumbrar e tentar adaptar o funcionamento local com o europeu, sendo na política ou no imaginário da população no que diz respeito ao estado de bem viver natural que habita no ideal europeu e constantemente no imaginário Latino-Americano.

O que nos diz respeito aqui, porém, mesmo que tencionado por tais elementos,

# Revista Gepesvida

é o debate de um dos três pontos que são fundamentais para a nossa reflexão. O primeiro é o mito da fundação da modernidade, o segundo, por sua vez a colonialidade, que foram tema dos parágrafos anteriores. O terceiro, que será objeto principal a seguir, a Pedagogia Decolonial.

A Pedagogia Decolonial entra como elemento de inflexão ao colocar em cheque a leitura da modernidade e a proposição da reinvenção da sociedade. Não apenas sob a ótica da razão universal que habita no pensamento tradicional, que por sua vez é eurocentrado, dado seus pensadores, Kant, Habermas, entre outros, e chama a um trabalho de reeducação pedagógica (WALSH, et al. 2018, p.05). A proposição atinge uma práxis política e pedagógica que se desconecta com a geopolítica e a ideias gerais que são naturalizadas na concepção universal e nas práticas pedagógicas que estão a serviço da manutenção da colonialidade e da fundamentação histórica ocidental.

Não é por mera sensibilidade que as pautas de raça, gênero e monoculturais são feitas presentes nos debates e nos discursos decoloniais. Essas categorias são mecanismos perpetuados pela hegemonia europeia que naturaliza costumes, corpos e hierarquias com a finalidade de manter os *status quo* do enraizamento dado pela colonialidade e manter os países a seu serviço, mesmo que indiretamente.

A Pedagogia Decolonial Latino-Americana clama a um movimento de descolonizar o imaginário e fazer florescer a sua identidade que está vinculada naturalmente os povos originários, à racionalidade latino-americana. A ação pedagógica decolonial consiste em:

...um trabalho de orientação decolonial, dirigido a romper as correntes que ainda estão nas mentes, como dizia o intelectual afrocolombiano Manuel Zapata Olivella; desescravizar as mentes, como dizia Malcolm X; e desaprender o aprendido para voltar a aprender, como argumenta o avô do movimento afroequatoriano Juan García. Um trabalho que procura desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade – estruturas até agora permanentes – que mantêm padrões de poder enraizados na racialização, no conhecimento eurocêntrico e na inferiorização de alguns seres como menos humanos (WALSH, 2009, p. 24).

A descolonização que perpassa pela identidade e atinge o nível social dos povos colonizados, tem o caráter transformador e formador, por consistir primeiro, na não perpetuação do projeto colonizador e, segundo, na formação de uma identidade e racionalidade correspondentes à realidade de cada povo, cultura e localidade.

# Revista Gepesvida

## 2. BREVES NOTAS DA ÉTICA DA LIBERTAÇÃO DE ENRIQUE DUSSEL

A Ética da Libertação de Enrique Dussel tem estreita relação com as teorias decoloniais e a própria prática decolonial por se direcionar a reconhecer o devir-viver do outro que é negado pela sua diferença (CASELAS, 2009). É praxe do colonialismo implementar normatividades e homogeneidades que corrompem a identidade e a prática da vida diária dos povos colonizados.

Dussel, na obra “Ética de la Liberación en la edad de la globalización y de la exclusión” de 1998 destaca uma universalidade ética capaz de se fundamentar em si mesma por se direcionar a libertação das vítimas dos sistemas de opressão das crianças, idosos e povos do sul.

Tal ética é sustentada por uma tríade, sendo o terceiro elemento o que nos interessa especialmente, contudo, dada a profunda correlação entre esses elementos, se faz fundamental ao menos nomeá-los. a) O fator humano biológico e psíquico como consciência e funções linguísticas; b) Firmar da vida humana nas instituições e valores culturais; e c) O desenvolvimento da vida humana nas instituições e culturas históricas da humanidade. Para Dussel, esses três elementos da ética garantem um corporeidade capaz de sustentar universalmente e fazer a transição da razão do Dever-ser para o Devir-Viver. (DUSSEL, 2002)

A transição entre um agir em termos comunicativos habermasianos que reconhece o outro como igual, para a diferença que se instaura entre - um e outro - é o que se desdobra como fundamental, inaugurando uma utopia na relação entre consenso e dissenso (CASELAS, 2009). A tentativa filosófica exitosa de Dussel em contrapor a ética de Habermas e Apel, que em síntese difere no reconhecimento do outro como igual, mas sobretudo o reconhecimento do outro como diferente. Aí está a tentativa de abarcar as minorias e as populações as quais as práticas tradicionais pouco se ocupam por conceber uma instância geral para o universal quando em realidade as minorias não ocupam o lugar do outro como igual, por serem concebidas como algo que não o outro igual num mecanismo de naturalização racional ligeiro, rasteiro à ética tradicional. A justificativa primeira desse deslocamento do outro se expressa na seguinte pergunta:

Nessa medida, impõe-se uma relação entre a sensibilidade e a alteridade com vista ao reconhecimento do Outro. Porém, se o reconhecimento (proximidade) é pré-ontológico, como se conciliará com uma comunidade de vítimas que

# Revista Gepesvida

apenas pode ser descrita empiricamente? O que significa ao certo reconhecer uma vítima? (CASELAS, 2009. p. 67)

O estado de vítima de uma pessoa denuncia algo que não corresponde ao estado natural do conjunto das coisas, isto é: um estado de dificuldade, calamidade, que não é facilmente reconhecido, dadas as realidades particulares que se atravessam nas realidade universais, impossibilitando o reconhecimento ético tradicional.

É preciso uma ética que dê conta do contingente, do imprevisível que afeta o outro e que por vezes não o permite retornar ao estado pré-ontológico.

Chegamos ao ponto de inflexão e relação entre a Pedagogia Decolonial e a Ética da Libertação. Ei-lo: O status colonialista altera a realidade do meio e do sujeito, de tal forma que ele não é mais reconhecido eticamente como o outro, mas sim, como diferente. Essa tese, que ao grosso modo, justificou tamanhas barbaridades dos colonizadores sobre os colonizados, mas que por outro lado para Dussel é matéria para se ocupar desta inconsistência ética para afirmar a legitimidade e a presença do diferente como tão importante quanto o igual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo, convém resgatar os sentidos primeiros que permeiam a escrita e a reflexão de cada elemento inflexivo presente no texto. A proposta de uma Pedagogia Decolonial que *per se* já leva em conta, mesmo que, talvez, indiretamente, a Ética da Libertação, uma vez que os povos Latino-Americanos e Africanos, colonizados, estão na categoria da diferença. Dussel elabora uma ética que acolhe o diferente pelo olhar direto na imagem que o outro esboça em sua face. A diferença dos nossos povos não são mais categorias de subjugação, mas sim, elemento de resgate e culto.

A Pedagogia Decolonial propõe o resgate da vivência, da ciência, da racionalidade local, da ancestralidade e da história de cada localidade como meio para o resgate da alma, da cultura, da razão que foram sobrepostas pelo eurocentrismo e ainda são pelas práticas de perpetuação desse processo.

A Ética da Libertação reconhece e abre espaço para cada realidade que se instaura do colonialismo ao pós-colonialismo. A cada minoria que é, pelos mecanismos políticos hegemônicos, fragilizada e eliminada. Ao negro, à mulher, ao indígena e a

# Revista Gepesvida

criança, nas suas diferenças, expressões e formas de compor o coletivo que formam a teia social. Em suma, faz-se fundamental para a prática decolonial a ação ética libertadora dos povos, bem como, o resgate das pedagogias e racionalidade local.

## REFERÊNCIAS:

DUSSEL, Enrique. *L'Éthique de la libération à l'ère de la mondialisation et de l'exclusion*. Paris: L'Harmattan, 2002.

CASELAS, José Maria Santana. A utopia possível de Enrique Dussel: a arquitetura da Ética da Libertação. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, v. 2, n. 15, p. 63-84, 2009.

MIGNOLO, W. (2005). A colonialidade de cabo a rabo: O hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In E. Lander (Org). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (pp. 71-103). Buenos Aires.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina 1. *A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais—Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

WALSH, C. (2009). Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, re-existir e re-viver. In V. M. Candau, *Educação intercultural na América Latina: Entre concepções, tensões e propostas* (pp. 12- 42). Rio de Janeiro: 7 letras.